

# ANTARES Letras e Humanidades

**“Esses bárbaros comem passarinhos”: Erico Verissimo  
e o imigrante italiano\***

**“These barbarians eat birds”: Erico Verissimo and the italian immigrant**

*Márcio Miranda Alves\*\**

## **Resumo**

O artigo analisa a presença do imigrante italiano e seus descendentes na obra de ficção de Erico Verissimo. Desde seus primeiros livros, nos anos 1930, o escritor observa o estrangeiro como um elemento essencial na formação da sociedade gaúcha, tanto no âmbito econômico quanto no cultural. Se por um lado não se encontra uma personagem central que pudesse dar conta da importância do imigrante para o desenvolvimento do Rio Grande do Sul, por outro pode-se perceber um tratamento ficcional na justa medida da verossimilhança histórica. Nos romances estudados, o estrangeiro de origem italiana gravita em torno do luso-brasileiro e torna-se uma ameaça, à medida que os valores da estância entram em crise. Diferentemente do que ocorre em boa parte da historiografia que trata da colonização, Erico Verissimo não fortalece nos romances os discursos que apresentam o imigrante como o inventor da indústria e como um ser dotado de habilidade inata para o trabalho.

## **Palavras-chave**

Imigração italiana; Erico Verissimo; literatura brasileira

## **Abstract**

The paper analyzes the presence of Italian immigrants and their descendants in the fiction of Erico Verissimo. From his early books, in the 30s, the writer notes the immigrant as an essential element in the formation of the gaúcha society, both in the economic field as in the cultural. On the one hand there is not a central character who could signalize the importance of immigrants to the development of Rio Grande do Sul, on the other we can perceive a fictional treatment in fair measure of historical verisimilitude. In the novels studied the foreigner of Italian origin revolves around the Luso-Brazilian and becomes a threat as the values of the farm come into crisis. Unlike what occurs in much of the historiography dealing with colonization, Erico Verissimo does not make more effective in the novels the discourses that present the immigrant as the inventor of industry and as a being endowed with innate ability to work.

## **Keywords**

Italian immigration; Erico Verissimo; Brazilian Literature

---

\* Artigo de autor convidado.

\*\* Doutor em Letras pela USP. Bolsista PNPd/Capes no Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

A LITERATURA PRODUZIDA NO RIO GRANDE DO SUL MUITO TARDIAMENTE RECONHECEU O imigrante não luso-brasileiro como uma figura interessante para a ficção. Apesar de os alemães terem se instalado na Província a partir das primeiras décadas do século XIX, seguidos pelos italianos cinquenta anos mais tarde, somente na segunda metade do século XX eles começam a protagonizar histórias escritas por autores gaúchos. Antes disso, houve uma ou outra obra surgida no interior dos núcleos coloniais, cujas pretensões dos escritores visavam mais exaltar um mundo idílico e próspero, onde prevalecia a supremacia racial e a qualidade congênita para o trabalho, do que propor uma representação impessoal da realidade da imigração.<sup>1</sup> O resultado é que, se tomarmos Guilhermino Cesar e a sua *História da literatura do Rio Grande do Sul* (1971) como referência para apontarmos os escritores gaúchos de maior valor estético naquele período – ainda que sob a perspectiva pessoal de Cesar –, não encontraremos nenhum que tenha se ocupado da imigração, tampouco imigrantes ou descendentes que merecessem reconhecimento.<sup>2</sup>

Essa ausência do imigrante no *corpus* da ficção gaúcha já foi observada por Weber (1980) e tem, segundo ele, uma causa de fácil compreensão, ligada ao contexto social e econômico do período da imigração, em que prevalecia a estrutura do latifúndio e da exploração da pecuária. É justamente nessa época que a literatura gaúcha volta-se para a exaltação da vida campeira, inflando os valores da estância e a superioridade do “monarca das coxilhas” como resposta à autoridade da classe dominante do Brasil central, o que daria origem ao Regionalismo Gaúcho.<sup>3</sup> O imigrante, por sua vez, dedicava-se à exploração econômica da pequena propriedade e era “um *out-sider* na sociedade gaúcha: vivia econômica, social, política e culturalmente isolado do resto da Província” (WEBER, 1980, p. 258). Como não estava inserido no ambiente típico da

---

<sup>1</sup> No caso dos italianos, podemos citar como exemplo *Nanetto Pipetta*, de Aquilles Bernardi, publicado entre 1924 e 1926 em capítulos no jornal *Stafetta Rio Grandense*, mais tarde *Correio Riograndense*, e que teve sua primeira edição em livro em 1937. Embora tenha sido escrito para divertir os colonos, satirizando as dificuldades iniciais enfrentadas na colônia, o livro também difunde o preconceito racial, em que o negro é sempre “pobre, sujo, preguiçoso, supersticioso, ladrão, bandido” e propaga a “crença do enriquecimento pelo trabalho, que funcionou como ideologia, por muitos anos, nos meios imigrantes”. (DE BONI e COSTA, 1984, p. 182-183; 185). Sobre essa “ideologia do trabalho” trataremos mais adiante.

<sup>2</sup> Exceção feita ao alemão Carlos von Koseritz, também Carl ou Karl, cujo reconhecimento reside muito mais na atividade jornalística e na campanha em torno do naturalismo científico, do que propriamente em suas novelas e dramas, os quais ainda aguardam estudos críticos mais aprofundados. Ver: CESAR, 1971. p. 247-256.

<sup>3</sup> Sobre esse tema, ver: CHIAPPINI, Ligia. *Regionalismo e Modernismo: o “caso” gaúcho*. São Paulo: Ática, 1978; CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul*. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011; LOVE, Joseph. *O Regionalismo Gaúcho e as origens da Revolução de 1930*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

estância, dificilmente poderia tornar-se um elemento de interesse literário.

Evidentemente o “problema” não se encerra nessas linhas introdutórias. Existem outras causas para o imigrante ter sido “esquecido” pelos escritores gaúchos, o que não vem ao caso neste momento. Trocando em miúdos, o fato é que exceto em alguns escritos de Simões Lopes Neto, como “Correr eguada” e “Ataque de marimbondos”, os imigrantes e as regiões coloniais começam a aparecer na literatura gaúcha nos romances de Erico Verissimo e Vianna Moog, nos anos de 1930, seguidos nos 1970 por Josué Guimarães e Moacyr Scliar e, já nos 1980, por José Clemente Pozenato. Particularmente em relação a Erico Verissimo, escritor sobre o qual versa este artigo, adiantamos que o imigrante – alemão, italiano ou judeu – ocupa sempre uma posição periférica em relação às personagens centrais de seus romances. O alemão Carl Winter, personagem de *O continente*, primeira parte de *O tempo e o vento*, talvez seja o imigrante que mais se destaca na extensa obra de Verissimo. Ainda assim, a preocupação maior do escritor é fazer do médico, que não tem qualquer relação com a colônia, uma espécie de observador da sociedade gaúcha, com a finalidade de revelar com um olhar de fora o *modus vivendi* do gaúcho luso-brasileiro.<sup>4</sup>

O destaque dado a um imigrante intelectualizado em *O tempo e o vento* tem a ver, salvo engano, com a preocupação do escritor em garantir a verossimilhança da narrativa. Ora, Erico Verissimo não viveu os anos de 1850/1880 para fazer de sua experiência um recurso enriquecedor da ficção. Nesse sentido um médico alemão para o qual tudo ao redor se apresenta de forma exótica e pitoresca revela-se uma saída interessante. Dr. Winter vem ao Brasil para lutar na guerra contra Rosas, juntamente com outros legionários contratados pelo Imperador, deserta e acaba se estabelecendo em Santa Fé. Assim, mesmo não sendo ele um colono, a fidelidade da representação da história fica assegurada. Por fim, o fluxo de consciência da personagem faz o papel de “coro” da sociedade representada, cuja ação gravita em torno da família protagonista Terra Cambará, como queria Erico Verissimo (VERISSIMO, 1995, p. 299).

No caso dos italianos e seus descendentes as alusões são muitas, mas nenhuma personagem tem a força de Carl Winter. Isso não significa, necessariamente, que Erico Verissimo tenha desprezado a participação dos ítalo-brasileiros no processo de formação da sociedade gaúcha. Suposto que o escritor tivesse realmente um projeto literário

---

<sup>4</sup> Sobre a figuração da personagem Dr. Winter, ver: ALVES, Márcio Miranda. Ficção e jornalismo em *O continente*: o caso dos alemães Carl Winter e Carl von Koseritz. *Antares – Letras e Humanidades*. Vol. 4, nº 8, jul.-dez. 2012. p. 42-66.

voltado para desmitificar a história do Rio Grande do Sul (VERISSIMO, 1995, p. 289), o que passava longe das premissas do Regionalismo, nada mais natural que ele tenha incluído em suas histórias a contribuição dos imigrantes para o desenvolvimento da região – do Rio Grande do Sul – nos mais diferentes âmbitos. Se o escritor não fez de um imigrante um protagonista de seus romances, talvez seja porque até então o imigrante não era protagonista na estrutura social gaúcha e vivia à margem dos grupos sociais dominantes. Essa realidade começa a mudar somente a partir dos anos 1930, quando ocorre uma combinação de fatores como a crise do modelo econômico latifundiário, a aceleração do processo de industrialização, do qual os imigrantes foram beneficiários, a perda de poder das velhas oligarquias e a consequente ascensão da burguesia urbana.

Passando das conjecturas para os fatos, a principal diferença entre italianos e alemães, bastante evidente, ao que parece, reside no fato de que aqueles constituem-se na ficção do escritor sempre a partir do ponto de vista do gaúcho. Diferentemente do que ocorre com Carl Winter, que opina tanto sobre os nativos quanto sobre os seus pares, em relação ao pensamento dos italianos nada se sabe. Tudo o que se lê sobre esse grupo parte de um narrador com onisciência limitada, que se contenta em reproduzir diálogos ou a descrever uma ou outra característica temperamental das personagens. Tomemos o romance *Música ao longe*, publicado em 1935, como princípio de análise dessas referências ao imigrante italiano.

Nesse romance, o escritor concentra sua simpatia sobre as personagens Clarissa e Vasco. O pano de fundo é a crise, moral e econômica, que afeta a família Albuquerque, representante do latifúndio da Campanha. Clarissa e Vasco têm percepções diferentes dessa conjuntura: para ele, a crise tem origem no apego à tradição e na recusa dos antigos em aceitar os novos costumes; para ela, o problema está no conflito familiar desencadeado por pessoas intolerantes. Já para os mais velhos não existe dúvida: a causa de todo mal é o imigrante italiano, como se percebe no seguinte excerto.<sup>5</sup>

João de Deus olha e recorda... Quando Vittorio Gamba chegou da Itália com uma

---

<sup>5</sup> O fato de não terem sido criadas colônias nessa região do Rio Grande do Sul não significa a inexistência de imigrantes. Segundo De Boni e Costa (1984, p. 65), “não há dúvida, porém, quanto à presença de colonos italianos já antes de 1875, disseminados pelas outras colônias da Província. Muitos deles devem ter vindo como 'austriacos', por residirem em territórios então pertencentes à Áustria, mas etnicamente eram italianos. Dados do governo provincial revelam que entre 1859 e 1875 teriam entrado no Rio Grande do Sul cerca de 729 italianos. Pelo que consta, muitos destes imigrantes provinham de Montevideu e Buenos Aires, não sendo agricultores e passando a residir em cidades”. No romance *Música ao longe*, o escritor não se refere aos italianos como sendo originários das colônias.

trouxa de roupa, a mulher e um filho pequeno, os Albuquerque eram donos de quase todas as casas do quarteirão. Em Jacarecanga se dizia: “Vou para o lado dos Albuquerque”. “Vim das bandas dos Albuquerque”. Pois bem. O velho Olivério morreu. O tempo passou. Os negócios pioraram. A herança não era o que se esperava. Com o correr dos anos os herdeiros foram hipotecando as casas. Venciam-se as hipotecas, não havia dinheiro para resgatá-las: as propriedades, então, iam passando para as mãos dos Gambas, que prosperavam. Mais alguns meses e a casa da tia Zezé também ficaria em poder deles...

- Gringos sujos!

Os olhos de João de Deus fitam com rancor a fachada impassível, cujas vidraças refletem a luz da lua.

- Gringos porcos!

Uma raiva surda referve no peito de João de Deus. Porque ele é um Albuquerque e os Albuquerque existiam muito antes do Rio Grande, muito antes do Brasil. Tinham nome em Portugal: guerreiros, descobridores, poetas e senhores de vastas terras. Em Jacarecanga o nome Albuquerque é uma tradição. Não há ninguém num raio de cinquenta léguas que não conheça e venere Olivério Albuquerque.

No entanto agora estão aqui os seus descendentes a caminho da pobreza, inertes, sem esperança, dependendo da tolerância dum imigrante que mal sabe assinar o nome. (VERISSIMO, 1987, p. 28-29)

A raiva sentida por João de Deus tem mais a ver com ressentimento do que com inveja. No passado, cerca de 20 anos antes, o patriarca Olivério Albuquerque pagou um empréstimo feito por Vittorio Gamba junto ao banco, o que salvou o negócio do italiano da falência. Depois disso, à medida que a Padaria Nápole cresce e transforma-se na Panificadora Italiana, de Gamba & Filho, os Albuquerque afundam-se na pobreza, entregando suas propriedades para aqueles que um dia foram pobres e precisaram de socorro. De todo o patrimônio formado por léguas de terras restou apenas uma casa para morar. Em suas reflexões, João de Deus chega a cogitar a ideia de se dirigir ao italiano e pedir um emprego no escritório ou até mesmo no balcão, mas esse pensamento não passa de um brusco lampejo. Afinal, “um Albuquerque não pode fazer tal coisa. Trabalhar sob as ordens dum imigrante sórdido que já foi seu subalterno? Nunca.” (VERISSIMO, 1987, p. 68)

De forma consciente ou não, Erico Verissimo evita tratar a colonização como um sinônimo de industrialização, como quer uma parte da historiografia, principalmente aquela relacionada a festejos e centenários.<sup>6</sup> Muito pelo contrário, o escritor não trata as realizações dos imigrantes com euforia ou exaltação, coadunando-se com a corrente que nega ao imigrante o papel de agente civilizador e inventor da indústria no Rio Grande do Sul. Para essa corrente, o imigrante representou um acréscimo a uma sociedade relativamente organizada, a qual dispunha de acúmulo de capital e era dirigida por um Governo, e se beneficiou de um modelo econômico baseado na pequena propriedade e

---

<sup>6</sup> Esse discurso laudatório já está presente nos textos relacionados aos 140 anos da imigração italiana, lembrados neste ano de 2015.

da incorporação política de seus descendentes (LAGEMANN, 1980, p. 119). Para Lagemann (1980, p. 119), “nessa perspectiva, não se coloca o imigrante como herói civilizador e nem se toma, por outro lado, a dinâmica inerente ao movimento da História”.<sup>7</sup>

Dacanal (1980, p. 276) tem um entendimento semelhante, quando afirma que

os que melhor puderam se aproveitar das vantagens dos novos tempos, pelo menos no sul, foram exatamente os imigrantes, por sua disponibilidade e versatilidade em relação aos grupos dirigentes da sociedade pré-existente ao fenômeno imigratório. E dentre os imigrantes aqueles que, por herança, tradição familiar ou esforços bem sucedidos estavam em condições de dispor de conhecimentos técnicos – não importa se rudimentares – e de pequenas posses.

Embora seja de conhecimento geral, não custa lembrar que ainda no final do século XIX, logo após a Revolução Federalista, Júlio de Castilhos tratou de ampliar a estrada de ferro que ligava Porto Alegre a Novo Hamburgo, estendendo-a até Caxias do Sul. Nas palavras de Pesavento (1980, p. 178), a estrada de ferro “oportunizava à região italiana o mais rápido escoamento de sua produção até o mercado da capital”. Projetos públicos como esse permitem a uma dada região apresentar um crescimento mais ou menos acentuado em relação à outra. Na acepção de Zanini (2001, p. 161) “não há um itinerário migrantista predefinido, ele depende de possibilidades, de associações, de conjunturas e também de investimentos internos e externos”. Isso ajuda a entender por que o desenvolvimento tecnológico foi proeminente na Serra Gaúcha e não se repetiu na Região Central do estado, onde o progresso menos aparente se deslocou da colônia Silveira Martins para Santa Maria, o centro urbano mais próximo (ZANINI, 2001, p. 161).

Se em *Música ao longe* o imigrante vence com o empurrão de um luso-brasileiro, algo parecido ocorre em relação aos imigrantes italianos de *O tempo e o vento*. Gabriel Luigi, filho de colonos italianos de Garibaldina, colônia próxima a Santa Fé, abandona a lavoura e a casa paterna para tentar a vida na “cidade”. Torna-se prático da farmácia de Rodrigo Cambará e acaba sendo por este apadrinhado. Dante Camerino, filho de um humilde funileiro (dono da Funilaria Vesúvio), torna-se médico graças a Rodrigo, que paga todos os estudos do jovem desde o ginásio à Faculdade de Medicina. A Marco Lunardi, Rodrigo dá a quantia de dinheiro necessária para que o italiano possa deixar a colônia e abrir uma fábrica de massas em Santa Fé. Já o médico-cirurgião Carlo

---

<sup>7</sup> Ainda de acordo com Lagemann (1980, p. 118), a interpretação heroica que faz do colono um sujeito bem sucedido econômica e politicamente está relacionada à ideologia da “democracia agrária”, segundo a qual a perspectiva democrática de ascensão social favorece o culto ao vencedor, àquele que teve sucesso em seu empreendimento e com seus próprios méritos ultrapassou as barreiras da pobreza e da ignorância.

Carbone troca a Itália por Santa Fé para trabalhar na casa de saúde dos Cambará. Na opinião de Rodrigo, “o diabo do gringo tinha mãos de mago: era indubitavelmente o maior operador que jamais aparecera no Rio Grande do Sul” (VERISSIMO, 1956b, p. 182). Mais tarde, quando Rodrigo entra para a política e perde o interesse pela medicina, Carbone e Camerino compram a farmácia e a casa de saúde.

Em algumas poucas passagens de *O tempo e o vento*, lê-se sobre a participação do imigrante italiano no processo de desenvolvimento econômico. Os alemães, talvez por terem chegado antes, aparecem sempre um passo à frente dos italianos em matéria de progresso material. No episódio “Um certo Major Toríbio”, em que a história transcorre em 1925, lê-se o seguinte:

Que santa Fé se transformava, era coisa que se podia observar a olho nu. Começava a ter sua pequena indústria, graças, em grande parte, aos descendentes de imigrantes alemães e italianos como os Spielvogel, os Schultz, os Lunardi, os Kern e os Cervi, os quais, à medida que prosperam economicamente, iam também construindo suas casas de moradia na cidade e estavam já entrando nas zonas até então ocupadas apenas pelas famílias mais antigas e abastadas. (VERISSIMO, 1963b, p. 491)

Por essa época, com o dinheiro da medicina, Camerino “começava a ensaiar-se em aventuras pecuárias” (VERISSIMO, 1963c, p. 611). Marco Lunardi, beneficiado pelo auxílio financeiro recebido de Rodrigo Cambará, havia ampliado seu negócio e, além da fábrica de massas, já contava com uma padaria, um moinho de trigo e uma confeitaria. Com o dinheiro dos negócios comprara uma casa e, nas paredes internas, mandara pintar paisagens da Itália. Apesar disso, “continuava, porém, a trabalhar como um mouro e, descalço e metido num macacão de zuarte, era frequentemente visto pelas ruas e estradas a *dirigir um caminhão carregado de sacos e caixas*” (VERISSIMO, 1963b, p. 492, grifo nosso). Nessas observações do narrador, percebe-se, primeiramente, que o imigrante continua de alguma forma ligado à pátria abandonada por seus ascendentes e o sucesso nos negócios depende da integração plena na nova terra. O fato de “trabalhar como um mouro” ao “*dirigir um caminhão carregado de sacos e caixas*” não chega a sugerir uma identificação do narrador com a propagação oficial da “ideologia do trabalho” no meio colonial, segundo a qual a industrialização gaúcha surge do nada graças ao sacrifício do trabalho e da capacidade superior do imigrante.

Nesse sentido, é preciso desconfiar de certos comentários do narrador em *O tempo e o vento*, justamente porque, como já assinalamos, o escritor tinha por objetivo desmitificar a história da formação do Rio Grande do Sul. Se ele conseguiu ou não, cabe ao leitor a escolha. De qualquer forma, na expressão “trabalhar como um mouro”,

referência aos mouros tornados cativos no tempo da reconquista da Península Ibérica (FERREIRA, 2004, p. 1367), percebemos mais ironia do que outra coisa. Um imigrante que vive na cidade e dirige um caminhão para abastecer sua fábrica de matéria-prima trabalha mais do que o colono na roça?

Já a pintura de paisagens da Itália pode indicar uma ambiguidade nas relações sociais dos imigrantes italianos, a qual terá consequências no futuro: ao mesmo tempo em que lutam para ser aceitos pelos nativos como novos integrantes do grupo social burguês, sendo o abandono da agricultura e o acúmulo de bens o caminho mais curto para isso, continuam presos à imagem da antiga terra natal. Querem ser brasileiros, mas não abrem mão de preservar o culto ao passado europeu. No decorrer da narrativa, mais precisamente em *O arquipélago*, esse comportamento tem implicações diretas no integralismo em Santa Fé.

Por sinal, o caminho mais curto para a integração dos imigrantes ocorre sempre via abandono da agricultura e acúmulo de bens materiais no meio urbano. *A priori*, isso não sinaliza uma crítica ao modo como o imigrante valorizaria o dinheiro em detrimento de questões éticas e morais. A crítica parece ser voltada para a sociedade como um todo, incluindo a do luso-brasileiro, que reconhece a legitimidade do outro apenas quando este demonstra estar “bem de vida”. Em outras palavras, o imigrante precisa comprar o seu lugar na sociedade.

Dois passagens ilustram isso muito bem. A primeira delas transcorre em 1910, no episódio “Chantecler”, durante o baile de réveillon do Clube Comercial. Rodrigo relembra uma discussão que tivera com o juiz da comarca, Dr. Eurípedes. A conversa gira em torno de existir ou não preconceito de raça ou de classe em Santa Fé. Rodrigo conclui que existe discriminação relacionada a algumas profissões e que o critério para poder frequentar o clube é “de nível econômico”. Para exemplificar seu raciocínio, lembra o caso do imigrante italiano Arrigo Cervi.

- Pois o Cervi é filho de imigrantes italianos de Garibaldina. Quando fez vinte e um anos, abandonou a colônia, por não gostar da agricultura, e veio estabelecer-se na cidade com banca de sapateiro. Pois bem. Em 1905 quis entrar como sócio para este clube e foi recusado. A razão? Muito clara: o homem era um simples remendão. De nada lhe servia ser um sujeito honesto que batia sola de sol a sol. O ano passado o Cervi tornou a propor-se e foi aceito.
- Perfeitamente. Fez-se justiça, embora um pouco tarde...
- Qual justiça, doutor! É que em 1908 o Cervi já era proprietário duma casa de calçados, situada na rua do Comércio. Deixou de ser remendão para ser comerciante, passou a vestir-se melhor, subiu de categoria social.
- Honra ao mérito!
- No entanto não creio que o homem tenha melhorado ou piorado de caráter... (VERISSIMO, 1956a, p. 209)

No mesmo baile, observando os tipos sociais ali presentes, o coronel Jairo Bittencourt, um militar forasteiro, faz o seguinte comentário.

Há um grupo, um importante grupo da população do Rio Grande do Sul que ainda não está representado aqui, que eu saiba... É o dos agricultores, o dos pequenos proprietários de terras, em sua maioria descendentes de imigrantes italianos e alemães. É que esses elementos ainda não estão bem incorporados à vossa sociedade. Noutras palavras, preste bem atenção, doutor, noutras palavras: *ainda não entraram no Clube Comercial, onde impera a aristocracia rural!*" (VERISSIMO, 1956a, p. 240, grifo do original)

A análise do coronel vai ao encontro da realidade da sociedade gaúcha de princípios do século XX, quando o imigrante ainda não estava de fato incorporado ao meio. A cultura do latifúndio e a oligarquia tradicional já apresentavam sinais de desgaste, mas o processo de industrialização pautado na pequena propriedade ainda dava os primeiros passos. Por esses e outros motivos não seria uma fantasia imaginar um clube em que prevalecesse, em 1910, uma pequena amostra da aristocracia rural gaúcha. Um ou outro descendente de imigrante, como a personagem Arrigo Cervi, comerciante bem sucedido, certamente seria apenas tolerado pelo grupo majoritário. No plano da ficção, saltando para 1925, muitos estrangeiros já são aceitos pelos latifundiários, mas não exatamente os agricultores da colônia, que formavam o maior contingente dos imigrantes.

Muitos desses santa-fezenses de origem alemã ou italiana haviam já conseguido fazer-se sócios do Clube Comercial, vencendo certas resistências que se iam afrouxando à medida que a prosperidade econômica dos "colonos" se refletia na maneira como andavam vestidos, nas casas onde moravam e nos autos que possuíam. (VERISSIMO, 1963b, p. 492)<sup>8</sup>

Enveredando por outra trilha, são raras as descrições das colônias italianas na obra de ficção de Erico Verissimo. Por estar na periferia de Santa Fé, onde transcorre a ação de *O tempo e o vento*, a colônia Garibaldina recebe pouca atenção. Uma breve descrição aparece por ocasião da campanha à presidência da República, em 1910. Juntamente com democratas de Cruz Alta, Rodrigo Cambará vai ao interior para tentar convencer os colonos a votarem no candidato civilista Rui Barbosa. Ele acha "penosa a viagem de jardineira por aquelas estradas esbarrancadas e poeirentas" (VERISSIMO,

---

<sup>8</sup> Por uma questão de foco analítico, não vamos explorar o preconceito dos luso-brasileiros em relação aos "gringos" nas narrativas do escritor. Mas não são poucas as sugestões nessa direção. Numa delas, o narrador anota o noivado do médico Dante Camerino com uma das filhas do estancieiro Juquinha Macedo. Por causa da origem humilde do médico, a família da noiva não aprovara o casamento. A personagem Liroca, vendo os noivos de mãos dadas, deixa escapar o seguinte comentário: "Os rodeios se misturam no Rio Grande. Italiano casa com brasileiro. Alemão, com caboclo. Nas estâncias, nossos bois franqueiros e de chifre duro também estão se cruzando com gado indiano e europeu. Quero só ver no que vai dar tudo isso..." (VERISSIMO, 1963b, p. 520).

1956a, p. 422).

Em *Olhai os lírios do campo*, encontramos um registro mais completo sobre uma colônia italiana. A personagem Olívia deixa Porto Alegre para trabalhar temporariamente na maternidade de um hospital na fictícia Nova Itália (Caxias do Sul?). Ela e o amigo Eugênio têm o seguinte diálogo sobre isso:

- São só três ou quatro meses. Nova Itália deve ser um lugar adorável. E a gente de quando em quando precisa dum retiro para por em ordem as ideias... - Sorriu. - Que achas?

Eugênio sacudiu a cabeça.

- Não sei... não sei... Tu é que resolves. Eu morreria de tédio numa colônia como Nova Itália. Sempre achei essa história de parreiras, colonos, vida simples e não sei mais que... muito bonito em poesia. Uma vez fui com a turma do quinto ano numa excursão pela região colonial italiana. Passávamos um dia em cada lugar. Não queiras saber a angústia que eu sentia quando via anoitecer. E note-se que sempre andávamos metidos em festas. (VERISSIMO, 1997, p. 92)

É preciso considerar que nenhuma das personagens está sendo sincera em suas declarações. Olívia aceita a oferta de emprego em Nova Itália como uma espécie de fuga ao amor – correspondido, mas não assumido – de Eugênio e procura convencer-se a si mesma da importância do “retiro”. Eugênio sente uma ponta de ciúme ao ver a amiga partindo e opta pela estratégia de desconstruir a poesia que porventura possa haver numa vida bucólica. Detalhe importante é que o dono do hospital, Dr. Bellini, também é italiano, mas não tem origem na lida rural da colônia. Em uma das cartas escritas para Eugênio, Olívia fala de um Dr. Candia, com o qual estabelece relações de amizade. Ele representa um perfil diferente de imigrante, que deixa a Itália no século XX e não está fugindo da miséria. “Mora há oito anos no Brasil, comprou terra em Nova Itália, tem uma linda vivenda com pomar. Da minha janela avisto sua propriedade.” (VERISSIMO, 1997, p. 213)

Outra carta escrita por Olívia traz uma descrição da paisagem e do clima de Nova Itália:

O inverno aqui é *terrível*, meu querido. Hoje está um dia *chuvoso*, a *cerração* esconde os montes, meus dedos estão duros e eu me sinto inclinada à *melancolia*. As pessoas que entram em casa trazem nos sapatos o *barro* dos caminhos. É grande o meu *desconforto*. Anamaria está com o narizinho vermelho mas parece não sentir frio, pois quer tirar o casado de lã e sair para o pátio. Uma *goteira* pinga e a boa velha em cuja casa moramos resmunga na cozinha uma velha canção napolitana. Se não fosse a minha fé em Deus, em ti e no futuro de nossa filha eu agora estaria *triste*. Mas eu me recuso a capitular à *tristeza*. A chuva e a *cerração* hão de passar e amanhã decerto o sol já estará alumiando as parreiras. Penso em ti. Enquanto as horas passam tu amadureces como as uvas. E sabes? - às vezes me surpreendo a envolver-te a ti e a Anamaria no mesmo sentimento maternal. (VERISSIMO, 1997, p. 173, grifos nossos)

Para interpretar o conteúdo dessa carta, também se faz necessário recapitular o

enredo do romance. Grávida de Eugênio, que havia preferido casar-se com uma mulher rica, Olívia muda-se definitivamente para Nova Itália sem avisar de sua gravidez. O clima adverso, a solidão e a condição de mãe solteira funcionam para Olívia como uma fuga e, ao mesmo tempo, uma espécie de penitência. Embora a opção pela vida na Serra tenha sido uma escolha pensada, isso não diminui a sensação de desconforto e de mal-estar da personagem, que troca o ambiente urbano de Porto Alegre pela rusticidade de uma colônia italiana. Claro que a melancolia da carta também tem a ver com o sofrimento causado pela distância entre o casal. Descontado isso, resta a percepção negativa da personagem em relação ao inverno (“horrível”), ao tempo (“chuvoso”, “cerração”), às estradas (“barro”) e à casa (“goteira”). Um cenário perfeito para a “tristeza”, à qual Olívia não quer se render, e cuja descrição não se pode desprezar. Até mesmo para Eugênio, lendo essa carta após a morte de Olívia, “havia um trecho que o impressionava, que lhe dava uma grande tristeza”. Eugênio coloca-se no lugar de Olívia, imagina-se deslocado de seu ambiente, num lugar frio e desprovido das comodidades da cidade, e compartilha desse pesar.

A inserção do imigrante italiano no processo político-democrático também não escapa ao interesse de Erico Verissimo, particularmente e não por acaso em *O tempo e o vento*, em que os rumos da família Cambará estão sempre atrelados aos da política partidária. Nas vezes em que o narrador insere o imigrante nesse contexto, ele aparece como alguém preocupado em votar com o governo a fim de evitar qualquer prejuízo para os seus negócios. Durante a campanha para a eleição presidencial de 1910, de nada adiantou Rodrigo Cambará invocar Giuseppe Garibaldi, o “guerreiro de dois mundos”, Dante Alighieri, Giuseppe Mazzini e o Papa em um comício na colônia Garibaldina. Os italianos estavam decididos a votar no marechal Hermes da Fonseca.

[...] Era domingo e haviam aproveitado a hora da saída da missa para realizar o comício. Terminado este, Rodrigo visitou um dos maiores da terra, o velho Lunardi, cujo filho, o Marco, havia sido seu colega de escola primária em Santa Fé. Tratou de saber com quantos votos podia o senador Rui Barbosa contar ali em Garibaldina. O velho desiludiu-o. Talvez na colônia o candidato civilista não conseguisse um único voto. Rodrigo voltou-se para o amigo de infância:

- Nem o teu, Marco?

O outro sacudiu negativamente a cabeça.

- Nem o meu.

- Mas por que, homem?

- Se nós votamos contra o governo – justificou-se o rapaz – o subdelegado persegue a gente, carrega nos impostos. Ninguém quer ser prejudicado.

- Mas é um absurdo! - exclamou Rodrigo, batendo com o punho na mesa. - Estamos num país livre em que cada cidadão pode e deve votar em quem bem entender! (VERISSIMO, 1956a, p. 423)

Situações como essa se repetem em outros pleitos eleitorais representados na

trilogia. Na campanha pró-Assis Brasil, nas eleições de 1922, cujo resultado vai deflagrar a revolta contra o governo no ano seguinte, Rodrigo volta a Garibaldi para tentar convencer os descendentes de italianos a não votarem em Borges de Medeiros. A caravana consegue reunir apenas oito pessoas da colônia num comício. Com medo de represálias, a imensa maioria vota com a situação. Do ponto de vista da verossimilhança histórica, não há nada a estranhar nesse posicionamento atribuído aos imigrantes. Pesavento (1980, p. 180) afirma que de fato a participação política dos italianos “deu-se mais como massa eleitoral de manobra, dentro dos quadros de uma 'política de cabresto' de uma estrutura oligárquica de mando”. Ela comenta ainda que na Primeira República o apoio dos italianos ao Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) “revelava-se indispensável no caso, na medida que representava a forma de angariar favores” (p. 180).

Em relação à participação efetiva dos ítalo-brasileiros na política legislativa ou administrativa, encontramos apenas duas citações em *O tempo e o vento*. Em uma delas, nas eleições de 1945, Lino Lunardi, “candidato de Getúlio”, tenta uma cadeira na Assembleia Legislativa. Tio Bicho, o intelectual de Santa Fé, larga este comentário:

- O filho do Marco, candidato à deputação, pelo Partido Trabalhista... - murmura Tio Bicho. - Positivamente, este mundo velho está de patas para o ar. - Acende outro cigarro. - Tomem nota: vai ser eleito. Tem todas as qualidades para vencer. É analfabeto e filho de pai rico. O Marco está gastando uma fortuna com a propaganda desse *bambinão*. (VERISSIMO, 1963b, p. 596, grifo do original)

Mais do que rancor, a opinião de Tio Bicho, chamando o descendente de italiano de “analfabeto”, que deve eleger-se graças ao dinheiro do pai, sinaliza na ficção o preconceito ainda não superado do luso-brasileiro em relação ao estrangeiro. Um juízo mais elaborado sobre esse assunto parte da personagem Terêncio Prates, outro intelectual, herdeiro oligarca, que trabalha na elaboração de um ensaio intitulado *Tradição e hierarquia*. A tese central desse estudo é a de que os costumes gaúchos estão sendo “modificados, deturpados, abastardados” sob a influência de tudo que vem de fora, particularmente o cinema, a literatura e a colonização alemã e italiana (VERISSIMO, 1963c, p. 848). A reflexão de Prates indica que o “caminho para a salvação” seria o retorno à “tradição da estância, à tutela do estancieiro patriarcal, ao culto das qualidades mestras da nossa raça: coragem pessoal, firmeza de caráter, cavalheirismo, desprendimento, franqueza” (p. 848). Para isso seria necessário “buscar inspiração no passado, resistir moralmente ao gringo nos dias de hoje como nos velhos tempos resistimos fisicamente ao castelhano invasor” (p. 848).

O papel desempenhado por Terêncio Prates simboliza em *O tempo e o vento* os últimos espasmos da tradição oligárquica no quadro da representação da formação do Rio Grande do Sul.<sup>9</sup> Com a extinção do “monarca das coxilhas”<sup>10</sup> e a propagação de novos valores culturais, o que resta aos que têm dificuldade para lidar com a realidade que se apresenta é debater-se contra os que ocuparam os espaços deixados pela falência do pampa. Os descendentes dos primeiros imigrantes, além de ascenderem economicamente de forma rápida, beneficiários, como já destacamos, de uma conjuntura altamente favorável, também começam a ocupar os postos de gerência na esfera pública.<sup>11</sup> Terêncio Prates não consegue assimilar essas mudanças e explicita isso ao falar sobre sua “tese”.

[...] vêm esses estrangeiros e querem repartir entre si o que é de domínio puramente nacional. Na América somos demasiadamente tolerantes para com os imigrantes, dando-lhes todas as facilidades e oportunidades, inclusive a de poderem seus descendentes da primeira geração eleger-se para cargos administrativos ou legislativos...

- E que mal há nisso? - pergunta Irmão Torfio.

- Só não vê quem não quer. Um gringo desses, antes de ser completamente assimilado, de compreender o espírito, a alma, a História da terra de adoção de seus pais, já nos pode governar. E, como resultado disso, a nossa continuidade e a nossa identidade históricas estão correndo o risco de serem interrompidas. O Rio Grande aos poucos se agringalha, se estrangeiriza. Estamos perdendo a primazia política. Esse também é o drama do Paraná e de Santa Catarina. Se não tomarmos cuidado, em vez de assimilarmos os colonos e seus descendentes, seremos assimilados por eles! (VERISSIMO, 1963c, p. 851)

Em meio a tanta reflexão “séria” no que toca à pluralidade cultural de uma região em formação, também surgem anedotas que brincam com, digamos, algumas peculiaridades que bem caracterizam os ítalo-brasileiros, suas regionalidades reconhecidas como tal.<sup>12</sup> Uma delas, de *O tempo e o vento*, trata de religiosidade, a outra, de *Incidente em Antares*, de hábitos alimentares.

Na primeira, Torfio conta ao irmão Rodrigo Cambará uma história a respeito do Padre Kolb, vigário de Santa Fé. De acordo com a narrativa, o padre decidiu construir

---

<sup>9</sup> Terêncio Prates terá um seguidor na figura de Tibério Vacariano, em *Incidente em Antares*.

<sup>10</sup> Ao menos no plano histórico, tanto social quanto econômico. A figura mítica do monarca, elevada ao mais alto posto pelo regionalismo literário, continuará existindo graças ao trabalho ideológico dos CTGs.

<sup>11</sup> Pesavento (1980, p. 192-193) lembra que a força econômica e demográfica da zona colonial começa a espelhar-se na arena política a partir da redemocratização, em 1945. Em 1947 foram eleitos para a Assembleia 31 deputados de origem luso-brasileira, sete ítalo-brasileiros e 17 teuto-brasileiros. “Indiscutivelmente, a pecuária e seus representantes não eram mais os senhores de uma recomposição das alianças”.

<sup>12</sup> Entendemos por regionalidade o que, na acepção de Haesbaert (2010, p. 8), “estaria ligada, de forma genérica, à propriedade ou qualidade de 'ser' regional”. Ainda segundo Haesbaert, a regionalidade “envolveria a criação concomitante da 'realidade' e das representações regionais, sem que elas possam ser dissociadas ou que uma se coloque, a priori, sob o comando da outra – o imaginário e a construção simbólica moldando o vivido regional e a vivência e produção concretas da região, por sua vez, alimentando suas configurações simbólicas”.

uma nova igreja na colônia italiana. Sem dinheiro para realizar a obra, promoveu leilões e quermesses, pediu dinheiro de porta em porta, mas ainda faltava muito para erguer o templo. O vigário, então, teve uma “ideia-mãe”, contada assim por Toríbio:

- Anunciou que estava vendendo cadeiras no céu. Ora, os colonos ficaram assanhados e começaram a reservar lugares no outro mundo. Os preços variavam conforme a posição das cadeiras. Quanto mais perto de Deus, mais caro era o lugar. E havia viúvos que pagavam quantias bárbaras para conseguirem cadeiras no céu, perto das falecidas. Pois, menino, só sei dizer é que o Padre Kolb forrou o poncho e arranhou o dinheiro que queria. E a igreja está lá. Dizem que é uma joia de tão linda.
- Mas isso é estupendo! O Padre Kolb é um grande homem. Faço questão de conhecê-lo.
- É um grande padre! - prosseguiu Toríbio. [...] (VERISSIMO, 1956a, p. 176)

A segunda encontramos nas notas do diário do professor Martim Francisco Terra, em que registra pessoas e coisas pitorescas de Antares. Ele escreve que o seu barbeiro, proprietário da barbearia Bela Sicília, é um “siciliano retaco, mal-encarado mas amável, e que tem o sugestivo nome de Jesualdo Aspromonte” (VERISSIMO, 2000, p. 150). Outra personagem esquisita é o fotógrafo lambe-lambe Yaroslav, natural da Checoslováquia. É conhecido por “Rei dos Passarinhos” porque tem o costume de espalhar alpiste e migalhas na praça para alimentar os pássaros. Segundo as anotações do professor, “pombas pousam-lhe na cabeça, no ombro, e comem das suas mãos de dedos corroídos de ácido” (2000, p. 153). Em uma cidade onde também habitam descendentes de italianos, essa proximidade do eslavo com os pássaros tem tudo para acabar em algum tipo de atrito. Como se sabe, pombas, codornas e outras variedades de aves e pássaros são iguarias na cozinha do descendente de imigrante italiano.<sup>13</sup> Registra o diário:

[...] Yaroslav não é nada loquaz, mas sinto uma misteriosa riqueza nos seus silêncios. Confessa que odeia os italianos em geral e o Jesualdo Aspromonte em particular. “Mas por quê?” - quero saber. Ele explica: “Porque os italianos, esses bárbaros, comem passarinhos. E o Jesualdo tem canários, pintassilgos e cardeais presos em gaiolas”. O lambe-lambe me mostra alguns de seus pequenos amigos alados. Tem as suas noções de ornitologia. (VERISSIMO, 2000, p. 153, grifos do original)

A sátira – não apenas política – é uma marca conhecida de *Incidente em Antares* e, por isso, não se estranha a brincadeira com os nomes das personagens nem as opiniões que elas expõem sobre os seus vizinhos. A presença de um imigrante tcheco, assim como um café chamado Kafka, uma greve de coveiros e uma história fantástica em que mortos insepultos voltam à vida fazem dessa narrativa uma fábula burlesca que

---

<sup>13</sup> A chamada “passarinhada” surgiu da necessidade de alimentação e foi estimulada pela abundância de pássaros nas matas da região colonial. Com o passar do tempo acabou sendo incorporada como hábito alimentar. Conforme apontam De Boni e Costa (1984, p. 134), as passarinhas “foram um grande motivo sociológico de festas, e motivadoras de solidariedade comunitária”.

tem pretensões de realidade. As ações, reações, anotações e pensamentos das personagens devem ser encarados com um filtro, ou seja, é preciso descontar a ironia e o humor para se chegar à essência da representação histórica. Não seria necessário salientar, mas, em todo caso, para evitar qualquer mal-entendido: as opiniões de uma personagem sobre outra – Yaroslaw em relação a Aspromonte, João de Deus em relação aos Gamba – não significam, necessariamente, a opinião do escritor.

Dito isso, e à guisa de conclusão, carece ressaltar que Erico Verissimo não esquece o elemento ítalo-brasileiro em sua composição literária. Estão certos os que fazem uma ressalva em relação à participação dos grupos minoritários na ficção do escritor, sempre de forma periférica, se comparada aos luso-brasileiros que protagonizam as tramas tanto no ambiente do campo quanto da cidade. Um tratamento semelhante ao do imigrante italiano também recebe o negro, o mestiço, o índio, o judeu, o alemão, o polonês, etc. Entretanto, não se pode menosprezar a sensibilidade ética de Erico Verissimo – antes de escritor um pesquisador da história e da sociedade –, nem sua preocupação com a verossimilhança dos eventos narrados.

Se os lusos-brasileiros são os protagonistas das histórias, isso indica que o escritor procurava (re)contar os lances da formação do Rio Grande do Sul colocando-os ao centro, onde estiveram pelo menos até o final da primeira metade do século passado. Essa opção que, parece claro, segue um projeto literário consciente, não procura exaltar qualidades nem atos de bravura desse grupo.<sup>14</sup> Longe disso – e bastar ler os últimos episódios de *O tempo e o vento* para perceber –, as figuras do estancieiro e do coronel são tratadas de forma implacável pelo escritor. Até mesmo nas manifestações de preconceito contra o “gringo”, visto com curiosidade e simpatia num primeiro momento, quando estava concentrado na roça e não representava perigo, e com ódio e desprezo quando começa a se tornar um concorrente nos negócios e um postulante aos postos de mando.

Nos romances analisados os imigrantes italianos e seus descendentes gravitam de forma constante em torno das personagens centrais. Eles não são colonos e buscam a integração social na cidade, em profissões liberais ou no comércio de bens e serviços. O escritor sublinha o rápido progresso material, mas passa longe de qualquer exaltação que pudesse repetir discursos do senso comum que costumam dar ao imigrante o *status*

---

<sup>14</sup> Embora o gaúcho dos primeiros episódios de *O continente* seja apresentado com certos “valores e defeitos bonitos” como uma forma de “compensação simbólica para perdas reais”, nas palavras de Pesavento (2001, p. 101).

de inventor da indústria e de trabalhador incansável.

Se nenhum deles tem voz ativa nas narrativas e se nada se sabe de seus fluxos de consciência, como ocorre com o alemão Carl Winter em *O continente*, isso não significa que foram ignorados na representação literária de Erico Verissimo. Eles estão lá, ora servindo aos interesses dos luso-brasileiros, ora se apropriando de fatias importantes do espaço público e privado que foram perdidas por aqueles.

## Referências

ALVES, Márcio Miranda. Ficção e jornalismo em *O continente*: o caso dos alemães Carl Winter e Carl von Koseritz. *Antares: Letras e Humanidades*. Vol. 4, nº 8, jul.-dez. 2012. p. 42-66.

CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul*. 6. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. 2. ed., Porto Alegre: Globo, 1971.

CHIAPPINI, Ligia. *Regionalismo e Modernismo: o “caso” gaúcho*. São Paulo: Ática, 1978.

DACANAL, José H. A imigração e a história do Rio Grande do Sul. In: \_\_\_\_; GONZAGA, Sergius (orgs.). *RS: imigração & colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 271-280.

DE BONI, Luis A.; COSTA, Rovílio. *Os italianos no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul/Correio Riograndense, 1984.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 3. ed., rev. e ampl. Curitiba: Positivo, 2004.

HAESBERT, Rogério. Região, regionalização e regionalidade: questões contemporâneas. *Antares: Letras e Humanidades*, Caxias do Sul, nº 3, jan./jun. 2010.

LAGEMANN, Eugenio. Imigração e industrialização. In: DACANAL, José H.; GONZAGA, Sergius (orgs.). *RS: imigração & colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 114-134.

LOVE, Joseph. *O Regionalismo Gaúcho e as origens da Revolução de 1930*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O imigrante na política rio-grandense. In: DACANAL, José H.; GONZAGA, Sergius (orgs.). *RS: imigração & colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 156-194.

\_\_\_\_. A temporalidade da perda. In: \_\_\_\_; LEENHARDT, Jacques; LEITE, Ligia Chiappini M.; AGUIAR, Flávio. *Erico Veríssimo: o romance da história*. São Paulo: Nova Alexandria, 2001. p. 89-102.

VERISSIMO, Erico. *Incidente em Antares*. 49. ed., São Paulo: Globo, 2000.

\_\_\_\_. *Música ao longe*. 38. ed., Rio de Janeiro: Globo, 1987.

\_\_\_\_. *Olhai os lírios do campo*. 72. ed., São Paulo: Globo, 1997.

\_\_\_\_. *O tempo e o vento II - O retrato*. Porto Alegre: Globo, 1956a. v. 1.

\_\_\_\_. *O tempo e o vento II - O retrato*. Porto Alegre: Globo, 1956b. v. 2.

\_\_\_\_. *O tempo e o vento III - O arquipélago*. Porto Alegre: Globo, 1963a. v. 1.

\_\_\_\_. *O tempo e o vento III - O arquipélago*. Porto Alegre: Globo, 1963b. v. 2.

\_\_\_\_. *O tempo e o vento III - O arquipélago*. Porto Alegre: Globo, 1963c. v. 3.

\_\_\_\_. *Solo de clarineta*. 20. ed., São Paulo: Globo, 1995. v. 1.

WEBER, João Hernesto. O imigrante na ficção gaúcha. In: DACANAL, José H.; GONZAGA, Sergius (orgs.). *RS: imigração & colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 256-270.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. Italianidades em perspectiva: imigrantes e descendentes de italianos no Rio Grande do Sul. In: HERÉDIA, Vania Beatriz M.; RADÜNZ, Roberto (orgs.). *História e imigração*. Caxias do Sul: Educs, 2011. p. 159-170.